

Loureiro, Isabel (org.) Socialismo ou Barbárie – Rosa Luxemburgo no Brasil, Ed. Estação das Artes, S. Paulo, 2008

[Crítica Marxista, n. 16, 2009]

Sergio Lessa¹

Para a inauguração da nova sede da Rosa Luxemburgo Stiftung em São Paulo, Paul Singer, Michael Löwy, Angela Mendes de Almeida, Isabel Loureiro, Gilmar Mauro e Paulo Arantes concederam entrevistas para um vídeo sobre a revolucionária polaca. O livro é composto por estas entrevistas e uma apresentação. Mais do que do impacto do pensamento de Rosa Luxemburgo, trata-se de uma reflexão acerca dos impasses da esquerda brasileira.

A primeira entrevista é de Paul Singer, Coordenador da Secretaria de Economia Solidária do Ministério do Trabalho do governo Lula. O fundamental de Rosa Luxemburgo, quando ela teria superado Marx, foi demonstrar que "nunca houve um modo de produção único no mundo. Sempre houve diferentes modos de produção que interagem." Por isso há "germes de socialismo no interior da sociedade capitalista", o que viabiliza a "visão socialista petista que é a Economia Solidária", para a qual "a mercadoria em si não tem problema nenhum."

A segunda é de Michael Löwy, que retoma sua tese de que, com a palavra de ordem "socialismo ou barbárie" Rosa Luxemburgo reafirma o caráter não teleológico da história para o marxismo. Afirma a "atualidade surpreendente" das teses de Rosa que possibilitam pensar "uma aliança entre o comunismo moderno marxista que se desenvolve nos países industriais e o que ainda existe como comunismo primitivo que está tentando lutar contra a opressão capitalista". Daqui a importância das lutas de resistência, "principalmente para a América Latina": "se o espírito de Rosa Luxemburgo está presente nas lutas do Brasil, é em boa parte graças ao MST."

Termina alertando contra o endeusamento dos clássicos: eles não trazem todas as respostas:

Rosa Luxemburgo, que eu admiro enormemente, não tem resposta para todos os nossos problemas (...); para dar um exemplo: a questão ecológica. (...) Hoje em dia, não se pode pensar um socialismo que não seja socialismo ecológico, ou eco-socialismo.

¹ Professor do Departamento de Filosofia da UFAL.

Ângela Mendes de Almeida nos dá o depoimento mais rico em informações acerca de Rosa Luxemburgo. Não deveríamos retirar a grande revolucionária de seu contexto: na sua época, atuar sem um partido era inconcebível, assim convertê-la em uma teórica anti-partido não faz qualquer sentido. Ao final argumenta que desde muito cedo já estava "vacinação contra esse entusiasmo (...) em relação a um operário fabril" e teria desenvolvido "cada vez mais a sensibilidade em relação aos pobres oprimidos e excluídos, que não podem ser enquadrados em uma classe social em termos do marxismo clássico, mas que constituem a maioria oprimida." Para a historiadora, a grande debilidade da esquerda brasileira está em que eles "não têm olhos para essa massa, já que ela não ocupa um lugar na produção." Nesse campo "(...) surgem novas tendências que estão à esquerda, mas não são propriamente socialistas, nem anticapitalistas, que querem apenas melhorar o capitalismo. Em tese o capitalismo poderia melhorar, ele já esteve melhor."

Como sempre faz com maestria, Isabel é capaz de traçar o liame trágico da vida de Rosa: se expôs ao assassinato em prol de um intento revolucionário para o qual nutria sérias reservas. "O trágico dessa história toda é que se ela tivesse sido absolutamente consequente com o que pensava, com o que acreditava de fato e defendia perante seus amigos, esse desfecho não teria ocorrido."

"Na época de Rosa a luta era mais simples do que hoje. Hoje as consciências e o inconsciente das pessoas foram seduzidos de tal forma pelo canto da sereia das mercadorias que é muito mais difícil a revolução." O "que se pode fazer para mudar?" "Nós temos que pensar é em outra idéia de Revolução." E avança: "(...) parece que a única saída, pequenina que seja, são os movimentos sociais, ou seja, essa mobilização pela base dos mais variados tipos de associações, através do mundo inteiro (...) e que se opõe à barbárie da globalização neoliberal."

A entrevista de Gilmar Mauro é a de um dirigente político. É perceptível a diferença. Depois 24 anos no MST, suas posições são definidas: o modelo de partido de vanguarda está superado. "É preciso lançar mão de outras formas organizativas postas a partir da realidade (...)."

Quais seriam essas outras formas? Essa nova organização deve corresponder a

"um método de construção e, acima de tudo, uma concepção nova de política, porque é preciso estimular a participação, a inclusão, enfim, de milhares e milhões de pessoas porque é o que vai garantir que uma organização não descambe para a lógica da burocracia ou da cooptação."

É preciso fazer com que as finalidades individuais e coletivas de algum modo confluem: "Não existe um divisor: 'eu luto pelos outros'. (...) Eu luto por mim mesmo também." Nessa nova perspectiva,

a "luta política" não pode ficar a cargo da vanguarda, "os iluminados que dominam a política" e, a "luta sindical", das lideranças atrasadas e das massas que vão lutar "por suas reivindicaçõeszinhas". Ele complementa: é preciso um "projeto político claro de substituição da sociedade capitalista e construção de uma sociabilidade diferente – o socialismo (...)". Seus exemplos são

[d]os espaços de poder popular, dos conselhos, (...) da Liga Spartakus, da experiência da Comuna de Paris, [d]a experiência dos conselhos de Turim (que eram conselhos de fábrica), buscando a própria experiência latino-americana; no México têm várias experiências das comunidades indígenas, etc. Nós precisamos visualizar um processo organizativo na forma de organizações locais, de disputas políticas locais

que possibilitem integrar "no processo de luta experiências que já estão sendo construídas a partir da cultura, do hip-hop (...), trazer para dentro o debate cultural, o debate sobre a subjetividade (...)."

Paulo Arantes fecha a coletânea. Ele chega mesmo a dizer que sua proximidade com uma ou outra tese de Rosa não o faria um luxemburguista, "isso seria um disparate." Sua presença na coletânea se justifica pela sua tese sobre o novo tipo de intelectual e a nova teoria necessários para hoje --, pois as gerações passadas, marcadas pelo projeto de nação, não darão conta do recado. "Mas há um novo tipo de intelectual que está começando a aparecer. Esse tipo de intelectual é alguém que incorporou inteiramente o que passou (a tradição é imprescindível). Essa nova teoria tem que estar criticamente impregnada por isso: ela sabe onde começou, porque é que acabou e o que ela significa. A partir daí, tem de desvencilhar-se do mito da construção nacional interrompida." Seria ele um intelectual que passou pela academia e que retorna, ou partiu, do movimento popular: esse o novo intelectual orgânico necessário aos nossos tempos.

Ao final do livro, desvela-se o seu fio condutor: dada a coexistência de vários modos de produção no mesmo momento histórico e como o capitalismo contém germes do socialismo (Singer, Loureiro), a superação do capitalismo ocorreria pelos "territórios" (Mauro) – que coexistiriam com o modo de produção capitalista -- nos quais a nova sociabilidade, o socialismo, se afirmaria desde o primeiro momento (Singer, Mauro). Novas organizações, novas teorias e novos intelectuais seriam imprescindíveis (Mauro, Loureiro, de Almeida, Löwy) -- e mais do que os trabalhadores industriais, seriam os incontáveis milhões de excluídos os sujeitos revolucionários desse projeto (Mauro, de Almeida, Singer).

Será verdade? Marx ignorou a persistência de modos de produção pré-capitalistas no capitalismo? Poder-se-ia constituir relações de produção socialistas nos interstícios do capital? O Estado serviria de mediação para tanto? A "mercadoria em si não tem problema nenhum"? A classe operária teria deixado

de ser o sujeito da revolução comunista? Afirmar o proletariado como sujeito da revolução significa negar a participação dos outros assalariados? Responderia negativamente a estas questões. E, como diz Isabel Loureiro na apresentação, "Quem viver, verá."